



ACESSO ABERTO

IMPACTOS DA FAKE NEWS SOBRE A VACINAÇÃO DO HPV EM MENINAS DE 9 A 14 ANOS

Data de Recebimento:

26/08/2023

Data de Aceite:

31/10/2023

Data de Publicação:

17/11/2023

***Autor correspondente:**Lívia Fernandes Sardinha,
livia2004sardinha@gmail.com**Citação:**SARDINHA, L. F. DA SILVA,
I. P. Impactos da fake news
sobre a vacinação do HPV em
meninas de 9 a 14 anos. **Revista
Multidisciplinar em Saúde**,
v. 4, n. 4, 2023. <https://doi.org/10.51161/rem/3868>Lívia Fernandes Sardinha ^a, Ingrid Pinheiro da Silva ^b.^aDiscente de medicina, Universidade Iguazu, UNIG | Nova Iguaçu. Av. Abílio Augusto Távora, 2134 - Luz, Nova Iguaçu - RJ, 26260-045^bDiscente de medicina, Universidade Iguazu, UNIG | Nova Iguaçu. Av. Abílio Augusto Távora, 2134 - Luz, Nova Iguaçu - RJ, 26260-045

RESUMO

Introdução: O HPV é um vírus que infecta a pele e mucosas genital, oral e anal de homens e mulheres, causando verrugas anogenitais e, em alguns casos, câncer. No Brasil, o câncer do colo do útero é o terceiro mais comum entre mulheres, estimando-se 17.010 novos casos em 2023. **Materiais e métodos:** Trata-se de uma revisão sistemática integrativa da literatura sobre os impactos da *fake news* sobre a vacinação do HPV em meninas. Foram utilizadas na seleção dos artigos as bases de dados eletrônicos Google acadêmico e Scielo, sendo capturados 20 artigos. **Resultados:** Realizou-se a leitura dos títulos e resumos dos 20 artigos capturados e foram incluídos 12 artigos que respondiam nossa pergunta de pesquisa. **Discussão:** O HPV é a infecção sexualmente transmissível mais comum globalmente. A vacinação contra o HPV foi iniciada no Brasil em 2014 para meninas de 9 a 14 anos e, em 2016, foi estendida aos meninos. Porém, fake news e desinformação dificultam sua eficácia, levando à baixa adesão vacinal. Isso aumenta o risco de infecção pelo vírus e a incidência de câncer de colo do útero. É crucial combater a disseminação de informações falsas e conscientizar sobre a importância da vacinação para proteger a saúde de todos. **Conclusão:** A disseminação de fake news está tendo um impacto significativo na vacinação do HPV em meninas entre 9 e 14 anos. Isso ocorre porque as notícias falsas criam desconfiança em relação à segurança e eficácia da vacina, além de disseminar informações incorretas sobre seus efeitos colaterais. Como resultado, alguns pais optam por não vacinar suas filhas, colocando não apenas elas em risco de câncer cervical no futuro, mas também comprometendo a imunidade de grupo. Para evitar esse cenário, é crucial que os pais, educadores e profissionais de saúde tenham acesso a informações precisas e confiáveis sobre a vacinação do HPV, a fim de combater a disseminação de fake news e garantir que mais meninas sejam protegidas.

Palavras-chave: Fake news. Vacinação. Papilomavírus Humano.

ABSTRACT

Introduction: HPV is a virus that infects the skin and genital, oral, and anal mucous membranes of both men and women, causing anogenital warts and, in some cases, cancer. In Brazil, cervical cancer is the third most common cancer among women, with an estimated 17,010 new cases in 2023. **Materials and Methods:** This is an integrative systematic literature review

DOI: 10.51161/rem/3868

Editora Integrar© 2023.

Todos os direitos reservados.

on the impacts of fake news on HPV vaccination in girls. The selection of articles was based on the Google Scholar and Scielo electronic databases, resulting in the capture of 20 articles. **Results:** The titles and abstracts of the 20 captured articles were reviewed, and 12 articles that addressed our research question were included. **Discussion:** HPV is the most common sexually transmitted infection globally. HPV vaccination started in Brazil in 2014 for girls aged 9 to 14, and in 2016, it was extended to include boys. However, fake news and misinformation hinder its effectiveness, leading to low vaccine uptake. This increases the risk of virus infection and the incidence of cervical cancer. It is crucial to combat the dissemination of false information and raise awareness about the importance of vaccination to protect everyone's health. **Conclusion:** The spread of fake news is having a significant impact on HPV vaccination in girls aged 9 to 14. This is because false information creates mistrust regarding the safety and effectiveness of the vaccine, as well as spreading incorrect information about its side effects. As a result, some parents choose not to vaccinate their daughters, putting not only their daughters at risk of cervical cancer in the future, but also compromising herd immunity. To prevent this scenario, it is crucial for parents, educators, and healthcare professionals to have access to accurate and reliable information about HPV vaccination, in order to combat the spread of fake news and ensure that more girls are protected.

Key-words: Fake news. Vaccination. Human Papillomavirus.

1 INTRODUÇÃO

O HPV (sigla em inglês para Papilomavírus Humano) é um vírus que infecta pele ou mucosas oral, genital e anal, tanto de homens quanto de mulheres, provocando verrugas anogenitais e câncer, a depender do tipo de vírus. O HPV é definido como uma Infecção Sexualmente Transmissível (BRASIL, 2022).

No Brasil, excluído os tumores de pele não melanoma, o câncer do colo do útero é o terceiro tipo de câncer mais incidente entre mulheres. Para o ano de 2023, foram estimados 17.010 novos casos, o que representa um risco considerado de 13,25 casos a cada 100 mil mulheres (INCA, 2022).

A principal forma de prevenção contra HPV e, conseqüentemente, contra o câncer de colo de útero, é a vacinação. Atualmente, três tipos de vacina estão disponíveis: bivalente (bHPV), quadrivalente (qHPV) e nonavalente (9vHPV). A vacina quadrivalente foi introduzida no Brasil em 2014, através do Programa Nacional de Imunizações (PNI), mas em razão da idade para o início das aplicações e efeitos colaterais, os pais apresentam resistência para a adesão da vacinação (JORDÃO, 2017).

Além desses fatores, a *fake news* também se tornou uma complicação. Para Frias (2018, p. 43), a *fake news* corresponde a toda informação que, sendo comprovada como falsa, seja capaz de prejudicar terceiros e tenha sido forjada e/ou posta em circulação por negligência ou má fé. Em 2019, o Ministério da Saúde reconheceu a dificuldade para aumentar a cobertura vacinal do HPV em meninas como consequência dessas notícias falsas.

Diante disso, o objetivo do trabalho é analisar os impactos da *fake news* na saúde da população feminina do Brasil em consequência da queda da adesão à vacina do HPV e, conseqüentemente, auxiliar os profissionais e acadêmicos da área da saúde a se tornarem aptos para desmistificar a vacinação no público infantojuvenil.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma revisão sistemática integrativa da literatura sobre os impactos da *fake news* sobre a vacinação do HPV em meninas. Para o desenvolvimento, foram percorridas as seguintes etapas: elaboração da questão norteadora; busca na literatura e seleção dos artigos. A pesquisa partiu da seguinte questão

norteadora: Como as informações falsas sobre a vacina do HPV contribuíram para a queda da cobertura vacinal e quais as consequências.

Foram utilizadas na seleção dos artigos as seguintes bases de dados eletrônicas: Google acadêmico, Scielo e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).

Empregaram-se os Descritores em Ciência da Saúde (DeCS): Vacina contra Papilomavírus Humano, cobertura vacinal e informações falsas. A partir da combinação desses descritores, por meio do operador booleano (AND), foi possível a captura de 20 artigos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

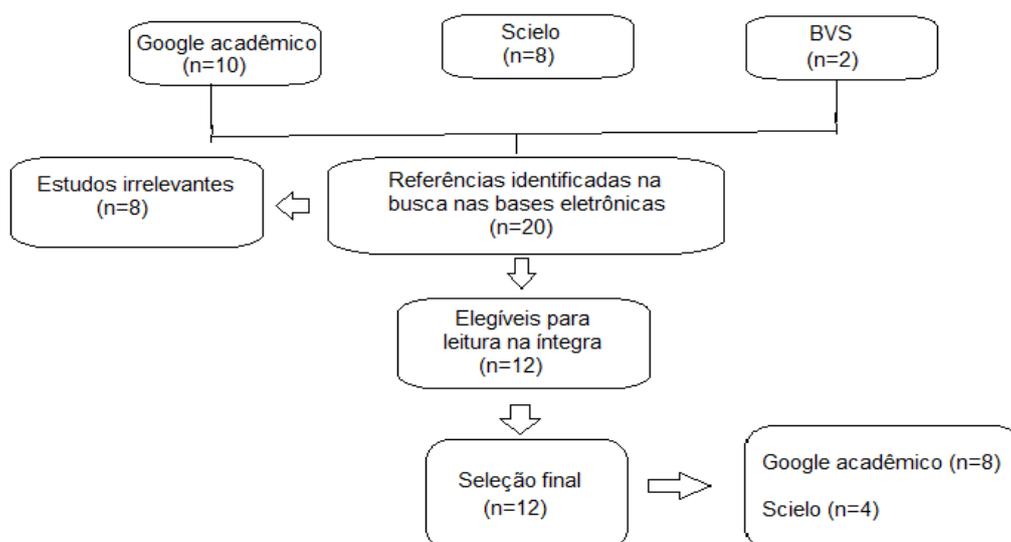
Realizou-se a leitura dos títulos e resumos dos 20 artigos capturados nas bases de dados e foram incluídos 12 artigos que respondiam nossa pergunta de pesquisa, sendo 8 do Google acadêmico e 4 do Scielo, o que demonstra baixa produção científica relacionada a essa temática.

Em todos os artigos analisados, os autores seguem o mesmo raciocínio, concluindo que as informações falsas têm exercido uma influência significativa na vacinação contra o HPV, gerando uma série de consequências negativas, como a hesitação vacinal, a disseminação de desinformação e a baixa cobertura vacinal. Lopes et al. (2022) destaca que esses fenômenos estão intimamente ligados, uma vez que a propagação de conteúdos falsos e negativos sobre as vacinas leva a uma redução na adesão à imunização, dificultando o alcance da imunidade coletiva e favorecendo a propagação de patologias que poderiam ser prevenidas.

Além disso, Valentin et al (2021) ressalta a importância da vacinação entre os jovens, pois pode prevenir a disseminação do vírus na população, aumentar a consciência sobre os riscos do comportamento sexual precoce e fornecer mais conhecimento sobre o câncer cervical.

A busca e seleção foi baseada nas diretrizes do fluxograma PRISMA (Principais itens para relatar Revisões Sistemáticas e Meta-Análises):

Fluxograma PRISMA adaptado



O Papilomavírus Humano (HPV) é a Infecção sexualmente transmissível de maior incidência global. Estima-se que existam cerca de 600 milhões de pessoas infectadas pelo HPV no mundo e que 80%

da população sexualmente ativa já tenham entrado em contato com o vírus em algum momento da vida (GIRALDO, 2008).

Nesse contexto, diferentes países aderiram à política de vacinação com o intuito de diminuir o número de casos de HPV. No Brasil, a vacina começou a ser distribuída em 2014, gratuitamente, através do Sistema Único de Saúde (SUS). Inicialmente, apenas as meninas de 9 a 14 anos recebiam a vacina, mas em 2016, tendo em vista a importância epidemiológica da infecção pelo HPV no homem, os meninos também foram incluídos no calendário vacinal (SOUZA, 2020; SANTOS & DIAS, 2018). O esquema vacinal é feito em duas doses, com intervalo de 6 meses entre elas, recomendando-se que não ultrapasse 15 meses para que o esquema das vacinas seja completado com mais rapidez (BRASIL, 2014).

No que tange as meninas, a cobertura vacinal não é satisfatória. Segundo a Sociedade Brasileira de Imunizações, em 2020, 70% das meninas de 9 a 14 anos tomaram a primeira dose da vacina contra o HPV, mas, na segunda dose, esses índices foram de aproximadamente 40% (SBIM, 2020).

Diante disso, os programas de imunização alertam a população sobre a importância da adesão a vacina, ao retorno para conclusão das doses de acordo com o intervalo necessário. Porém, muitas vezes o preconceito, mau entendimento e informações falsas, por vezes vindo dos pais dos adolescentes, dificultam a eficiência da vacinação e expõe o indivíduo ao risco de infecção pelo vírus (RODRIGUES et al, 2019).

O avanço da tecnologia possibilitou o acesso a fontes confiáveis de informações, mas também facilitou a propagação de *fake news*. Mascherini e Nivakoski (2022) esclarecem que a disseminação de notícias falsas sobre o processo de vacinação, em especial as de tom negativo, contribuem para o aumento da hesitação vacinal e diminuição de sua cobertura, dificultando os esforços das organizações de saúde para melhorar as condições de vida da população.

Em um estudo da Avaaz em parceria com a Sociedade Brasileira de Imunização (2019), foi avaliado o efeito das *fake news* na vacinação. Os resultados indicaram que 13% da população não se vacinou ou não vacinou uma criança que estava em seus cuidados, representando mais de 21 milhões de brasileiros. Dentre os motivos, os mais relatados são falta de planejamento ou esquecimento (38%), ausência de conhecimento sobre a necessidade da vacina (31%), falta de informação (27%) e medo de efeitos colaterais (24%).

Um dos fatores preocupantes com relação a vacinação contra HPV é a relutância dos responsáveis pelo público-alvo, que resistem ao medicamento pela desinformação sobre as reações pós-vacinais e seus propósitos. Muitos pais acreditam erroneamente que ao vacinar seus filhos irão causar mudanças em seu comportamento sexual, aumento do número de parceiros ou incentivar o aparecimento do comportamento sexual precoce. Nota-se que esse pensamento decorre da ausência de informação, somada as notícias falsas amplamente divulgadas (MEDEIROS; SILVA; FRADIM, 2019).

No Brasil, a disseminação da *fake news* sobre os efeitos adversos da vacinação contra o HPV se iniciou em Rio Branco através do relato de 72 casos de efeitos colaterais após a aplicação da vacina. Entretanto, Marchetti et al. (2020) concluiu, por meio de um estudo, que não houve qualquer relação entre a vacinação e os sintomas clínicos apresentados pelos pacientes, considerando assim, a vacina segura. Apesar disso, mesmo após a publicação, não ocorreu o aumento das imunizações.

Além das razões supracitadas, a baixa capacidade dos profissionais de saúde para desmentir inverdades sobre a vacinação também leva a hesitação vacinal, fazendo com que os indivíduos adotem posicionamentos expostos por meio das *fake news* (NAIR et al., 2021).

Com isso, é evidente que a disseminação da *fake news* na vacinação contra o HPV gera consequências

graves para a saúde feminina, devido ao quadro de vulnerabilidade imunológica gerada pela baixa adesão vacinal. Como exemplo de impacto relacionado a recusa vacinal, o aumento na incidência de câncer de colo do útero está entre os mais importantes.

O câncer de colo de útero, também conhecido como câncer cervical, é um tumor localizado no fundo do canal vaginal. É considerado a terceira neoplasia maligna mais frequente entre as mulheres e a quarta causa de morte por câncer na população feminina (INCA, 2017).

A etiologia principal relacionada a esse tipo de câncer é a infecção pelo HPV, principalmente em mulheres que não se preveniram com a vacinação durante a infância e que não realizaram os exames preventivos regularmente. No início, a doença pode se manifestar de forma assintomática ou com poucos sintomas. Com sua progressão, frequentemente surgem secreção vaginal fétida, dor em região ventral, sangramento pós-coital, ciclos menstruais irregulares, dor lombar, anemia e alterações miccionais (CORRÊA et al., 2016).

O diagnóstico precoce do câncer cervical, realizada através do Papanicolau, quando associada ao tratamento da lesão intraepitelial pode reduzir em cerca de 90% a sua incidência, o que garante uma significativa diminuição nas taxas de morbimortalidade (MENDONÇA et al., 2014). De acordo com o Ministério da Saúde, o exame citológico deve ser realizado em mulheres com mais de 25 anos que já deram início à vida sexual, através de dois coletas com intervalo de um ano entre elas. Caso o resultado seja negativo para HPV, o exame deve ser repetido com intervalo de três anos (INCA, 2017).

4 CONCLUSÃO

A *fake news* tem um impacto negativo significativo na vacinação do HPV em meninas de 9 a 14 anos. Essas notícias falsas podem criar desconfiança em relação à segurança e eficácia da vacina, além de difundir informações incorretas sobre os efeitos colaterais. Essa desinformação pode levar os pais a optarem por não vacinar suas filhas, o que coloca não apenas essas crianças em risco de desenvolver câncer cervical no futuro, mas também toda a comunidade, uma vez que a imunidade de grupo é comprometida. É fundamental que os pais, educadores e profissionais de saúde tenham acesso a informações precisas e confiáveis sobre a vacinação do HPV, a fim de combater a disseminação de *fake news* e garantir que mais meninas sejam protegidas contra o câncer cervical.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Departamento de HIV/Aids, Tuberculose, Hepatites virais e Infecções Sexualmente Transmissíveis** [Internet]. Brasília: MS; 2022. HPV; Acesso em 27 de fevereiro de 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/aids/pt-br/assuntos/ist/hpv>.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Instituto Nacional do Câncer** [Internet]. Rio de Janeiro: INCA; 2022. Incidência; Acesso em 27 de fevereiro de 2023. Disponível em: [https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/gestor-e-profissional-de-saude/controlado-cancer-do-colo-do-utero/dados-e-numeros/incidencia#:~:text=No%20Brasil%2C%20exclu%C3%ADdos%20os%20de,mulheres%20\(INCA%2C%202022\)](https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/gestor-e-profissional-de-saude/controlado-cancer-do-colo-do-utero/dados-e-numeros/incidencia#:~:text=No%20Brasil%2C%20exclu%C3%ADdos%20os%20de,mulheres%20(INCA%2C%202022)).

BRASIL. Ministério da Saúde. **Instituto Nacional do Câncer**. Estimativa 2018: incidência de câncer no Brasil. Rio de Janeiro, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Introdução à vacina HPV**. Brasília, DF: Ministério da Saúde,

2014. Disponível em https://saude.es.gov.br/Media/sesa/PEI/Informe_Tecnico_Introducao_vacina_HPV_2014.pdf. Acesso em: 10 de março de 2023.

CARVALHO, A. et al. **HPV vaccine adherence among adlocents: integrative review.** 2019. Texto e contexto enfermagem, Santa Catarina, 2019.

CORRÊA, C. S. L, et al. Sexual function of women surviving cervical câncer. **Arch Gynecol Oncol.** 2017.

FRIAS, O. O que é falso sobre *fake news*. **Revista USP**, São Paulo, n. 116, p. 39-44, janeiro/fevereiro/março, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/146576/140222>. Acesso: 27 de fevereiro de 2023.

GIRALDO, P.C. Prevenção da infecção por HPV em lesões associadas. **DST j. bras. doenças sex. transm;** 20(2)2008.

JORDÃO, R. T. S. **Eventos adversos relacionados às vacinas quadrivalente e nonavalente de hpv: revisão sistemática e metanálise.** 2017. Página 109 p. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Enfermagem, Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília, 2017.

MARCHETTI, R. L., et al. Immunization stress-related responses presenting as psychogenic non-epileptic seizures following HPV vaccination in Rio Branco. **Brazil. Vaccine.** 2020. MASCHERINE, M; NIVAKOSKI, S. **Social media use and vaccine hesitancy in the European Union.** ScienceDirect. 2022.

MEDEIROS, A. A; SILVA I. P. E; FARDIM M. **A infecção pelo papiloma vírus humano e sua associação com o câncer de colo uterino: uma breve revisão.** BJSCR. 2019.

MENDONÇA, V. G, et al. Mortalidade por câncer do colo do útero: características sociodemográficas das mulheres residentes na cidade de Recife, Pernambuco. **Rev Bras Ginecol Obstet.** 2014.

MOURA, L.L. **Cobertura Vacinal contra o Papilomavírus Humano (HPV) em meninas e adolescentes no Brasil: análise por coortes de nascimentos.** 2019. 90 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2019.

NAIR A.T, et al. **Social media, vaccine hesitancy and trust déficit in immunization programs: a qualitative enquiry in Malappuram District of Kerala, India.** Health Research Policy na Systems, 2021.

SANTOS, G.B.G.D. **Comportamento de risco a saúde em relação a prevenção de câncer de boca e orofaringe de adolescentes estudantes de uma Instituição Federal de Ensino de Alagoas.** 2018.

SBIM – **Sociedade Brasileira de Imunização. Coberturas vacinais no Brasil são baixas e heterogêneas, mostram informações do PNI,** 2020. Disponível em: <https://sbim.org.br/noticias/1359-coberturas-vacinais-no-brasil-sao-baixas-e-heterogeneas-mostram-informacoes-do-pni>. Acesso em: 10 de março de 2013.

SOUZA, W. M. Análise da imunização contra o HPV no Brasil: um estudo ecológico exploratório de 2016 a 2018. **Revista Eletrônica de Ciência, Tecnologia e inovação em Saúde.** 2020.